

MEMORIAL SOBRE A TRAJETÓRIA ESCOLAR BÁSICA DE ANTÔNIO JOEL MARINHO DE SOUSA

Antônio Joel Marinho de Sousa¹

Resumo: O presente texto trata do memorial sobre a trajetória escolar de **Antônio Joel Marinho de Sousa**, ex-integrante do Programa Conexões de Saberes. Tem como objetivo apresentar os passos percorridos desde o início da educação básica até a entrada à UFPA e quais os principais entraves de estudantes das comunidades populares adentrarem o ensino superior público. A memória foi usada como principal referência para construção do material. Em seus resultados, apresenta os esforços individual e coletivo para que de fato a educação seja uma questão de direito e não de privilégio de poucos.

Alô, alô, alô papai, alô mamãe, ponha a vitrola pra tocar, pode soltar foguete que eu passei no vestibular.

Esses versos podem parecer estranhos para pessoas de outros estados do Brasil que não conhecem essa marchinha de um grande cantor do folclore paraense, mas para aqueles que convivem na cidade de Belém e cultivou o sonho de um dia ouvir pelo rádio² o seu nome no listão dos aprovados do vestibular sabe do que estou falando. A pessoa que lê esse memorial e que já passou por isso vai sentir a emoção e deixar rolar aquele fio de lágrimas no cantinho dos olhos assim como eu estou sentindo, agora, ao escrever nessas linhas, são momentos inexplicáveis.

Ah, mas o intuito desse memorial não foi para falar da emoção do vestibular e sim de tentar explicar como eu consegui chegar a esse momento mágico e é nisso que irei discorrer daqui em diante. Tentarei caro leitor, colocar o meu sofrimento e minhas angústias de uma maneira simples e interessante a fim de mostrar que o sonho é uma totalidade de seu ser, pois não existe sonho impossível, foi por que ainda não explorou todas as possibilidades reais para as grandes realizações de sua vida.

Apresento-me aqui: sou Antonio Joel, nascido a 19 de fevereiro de 1975, bragantino de nascimento e belenense por adaptação, sou o primogênito de um total de seis filhos. Filho de seu Francisco (Chico) e de dona Adelaide ou simplesmente (dona Ica), estranho não é? Eu nasci em meio a grandes acontecimentos: Em âmbito nacional houve momentos de lutas a

¹Graduado em Bacharelado e Licenciatura em História pela Universidade Federal do Pará, e-mail: joelmarinhosousa@yahoo.com.br

²Essa tradição só ocorre na cidade de Belém

exemplo da ditadura, por coincidência pouco tempo depois em que o Pinduca gravara a marcha do vestibular citada no início desse relato.

Lembro na minha infância de alguns acontecimentos marcantes como a guerra da Argentina com a Inglaterra pelas ilhas Malvinas, o qual me deixou extremamente amedrontado; das poucas informações que tínhamos achávamos que o Brasil entraria na guerra. Era bobagem, mas para uma criança era totalmente assustador. Hoje vejo esse retrato em minha memória com um ar de riso e de zombaria comigo mesmo.

Deixando o medo para trás contarei como foi o meu contato com a escola: Desde cedo os cantos de viola me fascinavam como daqueles cantadores que viviam como viajantes e entoavam livros de folhetos em versos (literatura de cordel); exemplo disso é que um dos meus maiores sonhos era aprender a ler aqueles livros de estórias fascinantes. Recordo-me da alegria que sentia quando meu pai antes de dormir lia em voz alta aqueles versos para todos nós e minha mãe ficava aborrecida quando antes de começar a leitura, propriamente dita, ele lia a ficha técnica do autor, pois para ela o que valia de verdade era a estória em si e não quem tinha escrito o livro. Ah, mais onde estudar? Um dia apareceu um senhor que talvez por sonho pensasse em ser professor e meu pai pagava para que ele nos alfabetizasse. Juntou-se uma pequena turma na casa de minha avó materna e eu senti a alegria de estudar pela primeira vez. É, mais o sonho logo acabou o professor foi embora e eu ainda não tinha conseguido aprender a ler e escrever; a cada dia a vontade aumentava em entender o que estava escrito no papel. Foi então que aos oito anos de idade, 1983, ano em que o Brasil passava por uma luta intensa pelas *Diretas Já* meu pai me matriculou na escola mais próximo de nossa casa, cerca de três quilômetros de distância e uma mata inteira para atravessar, o que fazíamos correndo numa eterna brincadeira de criança. Aquela era a única escola de toda aquela região. Ah, quantas lembranças lindas daquele tempo maravilhoso! Do descobrimento das letras, das disputas de corridas naquele velho caminho cheio de ladeiras e raízes. Apesar do sofrimento nossa infância foi repleta de alegrias e de muitas brincadeiras.

O período mais difícil foi o de chuva, pois o caminho ficava fechado por matos o que nos forçava a tirar toda a roupa colocando-as em sacolas plásticas junto com os cadernos feitos de papel³. Saíamos em disparada e quando chegávamos bem próximos da escola tomávamos banho num açude e então depois de vestido é claro, estávamos prontos para a aula

³ Meu pai comprava papel com pauta e minha mãe cortava em quatro partes para costurar em seguida deixava no formato de um caderninho e isso perdurou até a minha 4ª série quando pela primeira vez tive finalmente um caderno.

que começava as 13h00min horas e terminava às 17h30min, caso o aluno acertasse a lição. Como vimos na data acima ainda estávamos em épocas de ditadura militar, o que, aliás, ainda passaram-se muitos anos para que as informações chegassem e mudasse todo um ideal de vários anos, posso afirmar que em pleno século XXI ainda existe resquícios daquele sistema, apesar das informações chegarem lá muito mais rápida. Confesso que tenho saudades da disciplina daquele tempo, mesmo que não concorde de maneira alguma com nenhum sistema opressor, pois acredito na capacidade do homem de se auto-analisar sem precisar daquilo que eu chamaria de coleira mental.

Lembro-me da sabatina de matemática nos dias de sexta-feira onde ficávamos em fila, todas as séries reunidas desde 1^a até a 4^a série. Era dever do aluno, desde que entrava na escola aprender a cartilha de ABC e a tabuada, portanto éramos reunidos todos juntos para que a professora fizesse as perguntas sempre de posse de uma enorme palmatória. Evangelina era o nome de minha primeira professora, uma senhora enorme de braços grossos que dava medo só de pensar em pegar uma *palmatorada* dela, por isso era melhor apanhar de um colega. O pior de tudo era que não podíamos ter pena do colega tampouco bater devagar, fosse mulher ou homem, se acontecesse isso ela pegaria o sepo de pau e mostrava para o *penoso* como seria o castigo adequado para quem não se interessava nos estudos e para quem por pena maneirava no castigo. Mesmo assim era divertido e apesar de eu nunca ter gostado de matemática sempre estudava para não apanhar; Lembro-me bem de uma disputa matemática que travei com o meu colega Josias, pois ele era o único que me batia e vice versa. Foram tempos difíceis, porém prazerosos e intensos de uma grande realização em minha vida. Aprendi a ler e escrever e ainda fui passado no meio do ano para a 1^a série⁴, não que eu fosse um gênio, mas por minha vontade expressiva de aprender e ai como fala meu pai eu lia até bula de remédio tão grande era a minha alegria pela descoberta das letras.

Meu mundo passou a partir desse contexto ser de alegria, leitura e trabalho pesado na roça, uma vez que éramos obrigados a trabalhar na lavoura de milho, mandioca, arroz, feijão e às vezes malva⁵, mesmo assim eu ainda encontrava tempo de brincar. Que me perdoem os defensores dos animais, mais minha maior diversão era matar os passarinhos com baladeira, também conhecida como estilingue. Perdia-me nos matos a procura de passarinhos para balar.

⁴ Isso ocorria porque nessa época não havia os jardins I, II e III, começávamos direto da alfabetização e a partir do 7º ano de vida.

⁵ Não sei dizer cientificamente a qual família pertence, mas é uma árvore de pequena estatura do qual retiramos a casca e depois de algum tempo colocada na água tem o mesmo aspecto da juta.

Bom, antes que alguém me condene por isso, todos os que eu matava era para comer, jamais matei somente pelo simples prazer de matar. Outra diversão era a música, a qual acompanhava com prazer através de um motor rádio do meu avô em ondas AM, que também era a fonte de todas as informações obtidas por nós naquele momento. Lembro-me de um galho de mangueira onde eu subia para cantar e compor. Quanto sonho eu tinha de ser cantor e compositor, o que me faltou foi somente a voz para cantar bem, mas era engraçado e hoje fico a rir em lembrar daqueles tempos de sonhos de criança.

Bem, esses são apenas pequenos detalhes de minha humilde lembrança onde todas as esperanças eram corrompidas pelo sistema cruel e corrupto, de uma sarcástica política; o tempo passou, e o ano de 1988 foi o meu último ano na escolhinha feita de barro. Nesse momento já era outra professora que lecionava a professora Benedita Alves ou simplesmente tia Bené a qual devo muito. O mais impressionante é que ela ainda continua a fazer o mesmo trabalho há mais de vinte anos e aqui fica a minha revolta pela falta de reconhecimento do professor, principalmente para aqueles que com paciência volta-se para o ensino educacional básico.

Voltando ao que eu estava falando: no ano de 1989 passei para a 5ª série, no entanto ficou aquela incógnita se eu iria ou não estudar, pois tal nível de escolaridade só existia em Bragança ou na Vila de Santa Luzia. Fiquei muito triste, pois existiu a possibilidade de eu parar os estudos, mas como meu comportamento era bom meus pais resolveram me matricular em 1989 em Santa Luzia e eu fui morar na casa de minha tia- avó.

No ano seguinte fui estudar no Colégio Florentina Damasceno que era o único de primeiro e segundo grau. Foi um tempo bom de grandes descobertas, descobertas de novos conhecimentos, novos amigos e também de um perigo constante para todos os adolescentes, o álcool. Para minha sorte e de minha família nunca fui viciado, mas que aqui deixo um alerta para aqueles adolescentes que passam por essa fase, muito cuidado com o álcool ou qualquer outro tipo de droga que possam lhes levar a destruição, bem como a destruição de seus sonhos.

Descobri também a televisão e a grande virada da política, a empolgação de todo um povo que após mais de vinte anos ia às ruas batendo no peito pela liberdade de voto, pelo começo de uma nova constituição, pelo fim dos marajás. Muitas vezes ouvi de algumas mulheres que votariam em determinado candidato pela beleza física e os homens pelo belo

discurso, foi sem dúvidas um dos maiores acontecimentos históricos do Brasil na contemporaneidade. Viva a liberdade de expressão, viva a democracia!

Através da televisão também testemunhei a morte daquele que, para mim, foi e é um dos maiores cantores brasileiros: Raul Seixas. Apesar de eu não ter nascido *há dez mil anos atrás fui* testemunha de vários acontecimentos históricos no Brasil, principalmente a parte suja da política e as desigualdades sociais causadoras das maiores atrocidades e sofrimentos do povo brasileiro.

Foi um ano de grandes descobertas, entretanto no mês de abril de 1989 um acontecimento com o meu irmão mudou toda a vida de nossa família. Ele, por meio de suas travessuras, colocou um espinho de uma fruta chamada piquiá na garganta e meu pai se viu obrigado a encarar uma viagem a Belém a fim de conseguir auxílio médico. Como o sonho dele era abandonar o serviço da roça, através de parentes conseguiu trabalho na construção civil e no dia 24 de junho do mesmo ano ele se mudou definitivamente deixando-nos para buscar depois, pois eu estava estudando em Santa Luzia e meu irmão no Montenegro onde morávamos. Porém a 19 de dezembro minha mãe e mais meus quatro irmãos mais novos se mudam para Belém e deixaram a mim e ao meu irmão no interior e só em janeiro após o final do ano letivo nos juntamos a eles.

Foram os momentos de maior tensão em minha vida. Como seria o lugar onde iríamos morar? O que encontraria na cidade grande? Será que eu me adaptaria em um lugar tão diferente? Como sempre a ilusão de um pré-adolescente entre o fascínio e o medo de um novo mundo de uma nova realidade fazia com que fossem criados pensamentos tão diversificados. Enfim chegou o grande dia: Em 02 de janeiro de 1990 eu cheguei a Belém. Meu Deus quantas divergências daquilo que eu pensei! Quanto espanto! Quantos carros e quantas pessoas ao mesmo tempo num lugar só! Era demais para a minha cabeça acostumada com tão pacatas cidades. Grande espanto ao me deparar com a “casa” que iríamos ter que morar. Coloco entre aspas porque na realidade não era uma casa, era um três por quatro para oito pessoas.

Apesar de sempre ter morado em casa feito de pau a pique havia o quarto que eu compartilhava com meu irmão e isso agora fazia parte do passado, pois o presente se apresentava como uma realidade nua e crua daqueles que vem do interior do estado para tentar uma vida melhor. Como na letra da música: “A cidade vem de braços abertos como um cartão postal e mostra os punhos fechados da vida real”. Triste realidade, às vezes mórbida

que transforma o homem ou um grupo social inteiro em partes da parte do que se torna “excremento humano” da sociedade.

Como vimos, era um mundo totalmente diferente, tanto para a minha realidade quanto para a história do Brasil. As expectativas para a posse do novo presidente, o primeiro da história brasileira que sobe ao poder totalmente pelo voto direto do povo através da constituição de 1988. Quantas esperanças colocadas sob as responsabilidades de um homem que seria o representante de toda uma nação tão sonhada e tão esperada durante tanto tempo. Seria a salvação do povo? Cassariam os marajás? Ou simplesmente se tornaria mais um entre tantos da história dos discursos belíssimos e ações nenhuma? Deixaremos pra lá, pois o final dessa história todos conhecemos.

Após a belíssima posse no mês de março o Brasil conhece a maior das crises já vividas a qual nos afeta diretamente. Meu pai ficou desempregado com seis filhos para sustentar, a vida tornou-se muito difícil, e eu por ser o filho o mais velho fui vender picolé nas feiras e estudar à tarde. Foram os dois anos mais difíceis de minha vida (1990-1991). Era duro ver meus pais tristes, quase no desespero sem ter o que dar aos filhos. Perdi totalmente a vontade de viver e minha primeira reação fora abandonar os estudos, pois é impossível estudar com fome. Como é difícil falar desses momentos! (Desculpem não consegui segurar as lágrimas). Às vezes para fugir da realidade cruel a qual fui submetido ia me refugiar na casa do meu avô no lugar onde morávamos isso ocorria por dois motivos: o primeiro era que não conseguia me adaptar em Belém, o segundo era que seria um a menos para a despesa de meu pai e com isso sobrava mais alimento para os meus irmãos mais novos.

Aos 16 anos tive o meu primeiro contato com a construção civil e por “ironia do destino” fora a fundação da Universidade Estadual do Pará (UEPA), mais uma vez me recordo da letra da música que diz: “Minha filha inocente veio a mim toda contente: - pai vou me matricular!”. Foram dois anos de constante sofrimento e desencantos com o estudo.

Felizmente em 1992 como se eu estivesse acordando de um pesadelo tomo um grande susto em minha vida e pergunto a mim mesmo: afinal de contas o que estou fazendo aqui? Porque saí de tão distante para me acabar como um simples trabalhador da construção civil? Não que isso vá desabonar a conduta de ninguém, pois ainda faço parte dessa classe e me orgulho por participar dela, visto que são estes trabalhadores mal pagos que embelezam as nossas cidades, mas sem dúvidas não fora esse o objetivo central sempre sonhado por mim

como profissional. Pensava sempre mais alto e continuo pensando, queria fazer parte de uma academia, queria estar numa universidade. Mais como chegar até ela?

Sonhos, quantos eu tive, quantos eu tenho e tantos já realizados! Voltei à escola em 1992 sempre aos trancos e barrancos no colégio Jarbas Passarinho. Foi um período muito bom, fiz boas e novas amizades, algumas delas eu mantenho contato até hoje, inclusive na oitava série conheci aquela que hoje é minha esposa, Maria Suely, a qual não poderia deixar de falar, pois além de me acompanhar nessa batalha me deu três belos filhos, Suellen, Suyanne e Sullyvan.

A batalha continuou. Ao término da 8ª série tive que sair do Jarbas e procurar outro colégio, pois lá só funcionava até o antigo primeiro grau. Fiz vestibulinho e consegui alcançar uma boa nota para escolher o colégio de preferência: Pedro Amazonas Pedroso. Ainda era dividido por área e como a área de Ciências Biológicas (CB) era a menos concorrida fiz a opção por ela, sendo que após um ano de curso eu tinha a intenção de trocar para as Ciências Humanas (CH). Fiz grandes amigos e até o final do terceiro ano não sabia que curso escolher para o vestibular, uma vez que não existia nenhum curso do meu agrado. Não me arrependi de nada, pois fiz sinceras amizades, inclusive com aquele ao qual devo parte de minha aprovação no vestibular o meu amigo Linaldo (Leno).

Foram três anos de muitas experiências e também de estudo e amizade, além das grandes dificuldades. Trabalhando em construção, ajudei a construir mais uma universidade, sendo agora uma grande universidade privada de Belém; eu me deslocava às seis horas da manhã para o trabalho, depois para o Pedroso voltava em seguida para casa por volta de 23h30min. Tive a convicção de não ser fraco e de ter grande potencial sentia que seria somente uma questão de tempo chegar à universidade.

Minha primeira tentativa no vestibular foi ao término do convênio na Universidade Estadual do Pará. Passei na primeira fase e tive a sensação que dava certo. O sonho estagnou, não tive êxito e logo me vi parado nos estudos, pois não tinha condições financeiras de pagar um cursinho preparatório me deixando impotente para realizar meu maior sonho. A frustração fora grande, mas não o suficiente para me fazer desistir. Juntei forças e algum dinheiro e no ano de 2002 estava eu lá outra vez fazendo vestibular. Confesso que me senti confiante, porém de novo fiquei na última fase e a frustração agora foi quase irrecoverável vendo o meu sonho se afastando cada vez mais da realidade. Juro que em alguns momentos de reflexão

pensava em nunca mais fazer vestibular, no entanto existia uma força dentro do meu *eu* sempre me colocando para esse caminho.

Por algum tempo deixei de lado a quase obsessão do meu sonho. Já pensando na formação dos meus filhos procurei investir o pouco que eu ganhava na escola deles para não passarem por tantas frustrações como eu passei. Todo começo de ano eu sentia vontade de ir para um cursinho, porém nunca encontrava um que correspondesse ao meu numerário, e assim, os anos foram passando.

Em janeiro de 2006 reencontrei meu amigo Linaldo, já citado anteriormente, e ele me perguntou se eu estava estudando. Com minha resposta negativa fui convidado por ele para estudar em um projeto⁶ do qual fazia parte da coordenação e eu deixei a barreira do orgulho e comecei a estudar. Foi muito difícil no começo. Quantas mudanças ocorreram nos tempos em que eu havia parado, mas a força de vontade fora crescendo a cada dia, tanto pela vontade de passar quanto pelo apoio de todos aqueles universitários que voluntariamente tinham a satisfação e a responsabilidade de passar o conteúdo do vestibular para nós que acreditávamos também na capacidade no grupo de futuros professores.

O sistema apagou tudo em minha vida. Deu-me várias rasteiras, me deixou arrasado, mas esqueceu de verificar se eu estava morto ou não. Esqueceu de um pequeno detalhe: em meu dicionário a palavra “eu não vou conseguir” não existe, pode existir a palavra “eu não consegui” seguida de outra, “mas eu tentei”, foi isso e será a minha vida toda e, portanto durante o ano todo de cursinho era o que sempre martelava em minha cabeça. Quando vinham os momentos de desânimo e cansaço eu pensava: sou forte e tenho potencial e isso alimentava o sonho mais esperado de toda a minha vida.

Veio o primeiro simulado e sem esperar fui surpreendido com o 3º lugar. Foi realmente uma enorme surpresa para mim, pois em meio a muitas pessoas que acabaram de sair do ensino médio senti-me novamente apto para uma disputa com outros alunos. Já no 2º simulado não consegui acompanhar o ritmo dos outros e minha colocação caiu bastante o que serviu para eu perceber o quanto precisava melhorar e segui em frente. Pedia explicações aos professores quando não ficavam claro certos assuntos, assim fui fazendo amizades com todos, era como se o Projeto Renascer fosse uma família, o que, aliás, é. Fiquei conhecido no projeto como o “louco”, devido à distância que eu percorria usando a bicicleta como transporte, pois para eu chegar até o projeto precisaria pegar dois ônibus e isso custaria caro para mim,

⁶ Projeto Renascer, literalmente me fez renascer e realizar um sonho que muitas vezes pensei ser impossível.

portanto a bicicleta tornou-se a solução mais adequada, o que me deixou ainda mais conhecido.

Dediquei o meu pouco tempo para estudar, sempre com a convicção de que daria certo e eu seria finalmente aprovado. Mesmo em alguns momentos de desânimo nunca pensei na desistência total, sempre sobre os ideais raulseixista que diz: “o destino é a gente que faz”, fui cavalgando e trilhando o meu próprio caminho sem contar com a sorte e me apegando em todas as possibilidades ofertadas, pois sempre acreditei que oportunidade só existe uma vez na vida e por isso não queria ver a minha desperdiçada. Caminhei sim sobre os trilhos da esperança olhando para frente, mas sempre preocupado com os meus dois lados desviando-me dos atropelos.

Nas rodas de conversas de vestibulando estava impreterivelmente o assunto sobre a concorrência e eu do meu lado estava convicto de que isso era apenas um ponto que psicologicamente colocava-se entre eu e eu mesmo, portanto deixei fluir naturalmente e me preparei para guerrear com minha própria capacidade.

Obstinadamente juntei minhas principais armas e entrei definitivamente na guerra. Reuni força, vontade, esperança, capacidade, alegria, estratégia, psicológico, audácia e acima de tudo acreditando em mim e no que eu posso fazer para deixar minha parcela de contribuição na mudança de comportamento do brasileiro através da educação. Fato que sinceramente ainda acredito não ser utopia e mesmo não tendo a oportunidade de um dia ver essa mudança pretendo deixar minha pequena parcela nesse processo tão abandonado por nossos governantes, pois como diria Clarice Lispector “o que alarga a vida de uma pessoa são os sonhos impossíveis.” Eu não diria impossível, mas quando se trata de educação no Brasil é essa a primeira sensação que nos vem à cabeça por todo o descaso do assunto em todo o curso de nossa História.

Pois bem, o ano chegava ao fim e o grande dia se aproximava. Enfim chegou, mas ainda não era onde eu pretendia estar, uma vez que para testar minha capacidade me inscrevi no vestibular da Universidade Estadual do Pará (UEPA) e consegui ir para a última fase, sem ter êxito na aprovação. Sonhava mesmo com a UFPA, queria o curso de História, era o meu sonho e a minha identificação, e as coisas foram acontecendo naturalmente.

O vestibular da UFPA enfim começou e tranqüilo fiz a primeira fase obtendo uma nota razoavelmente boa. Confesso, fui para a segunda fase um pouco temente, mas logo após o resultado tive a convicção que a partir daquele momento nada nem ninguém me tiraria à vaga;

e foi com essa confiança e cabeça erguida que encarei a última fase já com o ar de vencedor. A espera do resultado é o momento que mais maltrata o vestibulando, pois entre a convicção da certeza e a tristeza do fracasso a estrutura emocional se esvanece e isso nos arrasa.

Ah, o grande dia: 17 de fevereiro de 2007, antevéspera do meu aniversário, o maior presente de aniversário de toda a minha humilde vida. Foram momentos de muita angústia o qual não descreverei aqui por não saber explicar aquele momento e para que você leitor que já tenha passado por isso possa lembrar e reviver essa emoção e você que ainda não passou possa sentir e eu seria fantasioso em tentar descrever algo inexplicável.

A minha vida foi essa, barreiras infindáveis, abismos difíceis de atravessar, porém uma vontade interminável de vencer e é somente por essa vontade inacreditável que estou aqui escrevendo sobre minha vida. Às vezes me pergunto o que posso fazer para as pessoas acreditarem em sua própria capacidade? Portanto digo a todos os que porventura lerem este relato que sorte será sempre a esperança do preguiçoso que acreditando em tal esquece a dura realidade do dia a dia do ser humano. Não existe barreira para o querer quando se quer, não há impossível para o homem por mais que a situação seja de completo abandono. Muitas vezes a derrota será necessária para que possamos refletir o erro e criar novas estratégias de lutas, no entanto jamais podemos com uma simples derrota abaixar a cabeça e nos dar por vencido. Pois a vida é feita de uma grande batalha e somente os fracos temerão a luta e ficarão no meio do caminho analisando como seria a vida se tivesse agarrado a grande oportunidade ofertada a ele um dia.